

## CHICKEN-IN

Pseudônimo: ALCIONE O

**Olimpio José Pimenta Neto**  
FAFICH - Filosofia

Ele chegou de viagem domingo à noite. O apartamento era pura desordem: a inconstância na permanência. Livros sobre cadeiras, lugares fora do lugar. Janela aberta à chuva que molhava a máquina fotográfica. Revistas e jornais velhos no chão empoeirado. Roupas, peças às dezenas — no assoalho, na estante, na cama. O caos. Parecia o mundo lá fora. Despiu-se rapidamente, como sempre fazia, para ter mais conforto. Jogou a barraca num canto da sala, encostando as peças de armar na estante. Olhou as capas vazias dos discos sobre o amplificador. A chuva já estava parando. Irritaram-no os discos empilhados no piano, o toca-discos desligado e, um a um, como drops de propaganda, fê-los cair sobre o prato. Dirigiu-se enfim à cozinha, a porta fechada. Antes de abrir a porta da cozinha, voltou e entrou no banheiro. Olhou a pia suja de remédio para a garganta e suspirou em crescente irritação. Pesava-lhe a casa, sem arrumação desde que a empregada sumira. Lavou o rosto queimado de sol, as mãos pegajosas do volante do carro, e saiu, de volta à cozinha. Antes de reabrir a porta, pensou na bagunça que o aguardaria lá dentro. Sem saber por que, pensou em espanhol no sentido da palavra bagunça: «lío», e a imaginou: fogão aberto, trempes negras de fuligem, gás vazando, caixa de papelão transbordando de sacos de leite, latas de cerveja, garrafas de vinho, a geladeira quase vazia; em cima, meia dúzia

de pães duros e cinzentos de fungo — o calendário incólume naquele mar de desordem, bailando ao vento, ao lado da tabela de entrega de gás. Sentia pressa, fome e sede, mas queria, antes, olhar as plantas. Tinha pedido ao seu amigo, solitário e sempre enfurnado na prancheta, que as regasse em sua ausência. Choque! Praguejou em voz baixa, em espanhol, como geralmente fazia. Três plantas morriam secas e murchas, duas agonizavam, até parasita dera nas folhagens de uma e branca mancha de câncer devorava o verde límpido da semana anterior. Regou-as abundantemente, mexeu a terra com carinho e urgência, deu uma olhada crítica em volta. Retrato vivo do abandono. Voltou à cozinha e contemplou, entre alegria e esperança, a geladeira. Gigante branco naquele oceano de tristeza e sombra, sua última chance. Pelo menos algum gelo e leite ele encontraria lá dentro, nas entranhas dadivosas do gigante. Levou a mão à porta e puxou, o coração cheio de expectativa e o estômago rugindo suavemente. Como sopro de morte ou bafo de múmia de piada, um jato de vapores decompostos bateu-lhe na cara! Divisou, na cortina de névoas putrefatas, a sombra do frango. Alguém tirara o frango do congelador e o colocara numa das prateleiras inferiores, qual gaveta de necrotério. Ali estava, em adiantado estado de decomposição, o cadáver do miserável galináceo, o sangue congelado servindo de mortalha improvisada no prato cor de terra. Por vingança ou filosofia de vida (ou de morte), lançava o frango seu cheiro de terror e morte. E o bafo invadia a cozinha, o corredor, o apartamento, a alma. Como cheiro abafado de incêndio, subjugava o oxigênio e queimava o olfato, expulsando os cheiros naturais do abandono, queimando as moléculas imponderáveis das exalações burguesas. Invadia os átomos agradáveis da noite e avançava... Fechou a porta do gigante branco, o que de nada valeu. O bafo, antes prisioneiro das entranhas gélidas, não perdeu sua chance de liberdade e continuou. Instalava-se agora em todos os cômodos, o ar irrespirável. Abrir as janelas, de arranco, era inútil. Passava por baixo da porta e invadia o prédio. Crianças, chegando aos gritos para uma festinha infantil, tapavam o nariz e corriam. O bafo invadia cada apartamento, a sombra da peste trazendo o terror às células;

0:25:

→ CEFALÉIA

OUT

miracul  
gabinete DANGER

BRIL  
3567  
910  
ATTEN-TO

12/05/2004

Almeida



os moradores perturbados em sua paz dominical diante da televisão se apavoravam, sem saber de onde provinha a ameaça sutil e penetrante. Lá de cima, na casa da morte, ele envolveu a ave vingadora em um plástico e vedou as portas fechadas que levavam à área de serviço, corredores, banheiro e living. Decidiu sair e observar o tumultuado movimento do prédio. Pensou na festinha. Inspirou, para sentir melhor. O cheiro era forte, abafado, ardido, incômodo. O ar, cada vez pior, fazia tossir surdos e insensíveis, neuróticos e psicóticos, bancários e porteiros, síndicos e donas de casa, amantes e criancinhas inocentes, terrível e avassaladora vingança do frango que, de súbito, tornava-se sua própria vingança. Doce vingança contra os mal cheirosos vizinhos que viviam lhe enchendo o saco, preocupados com sua vida, seus amigos, os visitantes estranhos que frequentavam seu apartamento: artistas, homossexuais, lésbicas, estudantes, mendigos, aquela fauna marciana que ele amava, nas agradáveis noites de bate-papo e música, aulas, projeções, curtição em grupo. Sentou-se lá fora e ficou olhando. E viu que aquilo era bom como Deus, na gênese, divertindo-se com o cheiro novo de suas criações sabáticas. E riu. E pensou nos acasos da vida e na frágil estrutura da comunidade humana. E viu como tudo era simples. Agora o caos era total. O invasor vinha de todos os lados. Um vizinho passou correndo e gritando que ia chamar os bombeiros, a polícia, Deus, o diabo. As mulheres se amontoavam no pátio, tapando os femininos narizes com antigos lenços de cambraia, tentando controlar as crianças, falando pelo cotovelos. Alguém, provavelmente o síndico, tentava abrir a emperrada caixa de gordura para descobrir se provinha dali o bafo. Os moradores dos sofisticados prédios vizinhos olhavam com ar de censura e fechavam as janelas apressadamente. Um passante parou e olhou, intrigado. Todo mundo tapava o nariz. Ele voltou ao apartamento e, protegendo cuidadosamente o nariz, decidiu livrar-se do monstro oliente. Embrulhou-o bem e o atirou pela janela do banheiro, no terreno baldio dos fundos do prédio. Em seguida, descarregou um «spray» jasmim no apartamento, acendeu dois incensos indianos e saiu. Desceu a escada, fazendo cara de compungida solidariedade para os vizinhos menos antipáticos, e saiu para a rua.

O síndico havia chegado à brilhante conclusão de que se tratava de matéria orgânica em decomposição — devia haver um ser vivo (morto?) oculto em alguma parte do edifício. Pensaram na possibilidade de um feto humano ou algum animal, quem sabe, e falaram até em chamar a polícia. Ele já estava cansado para acompanhar o desenlace do misterioso terror odorífero que se instalava entre os moradores e resolveu ir jantar. Do orelhão, telefonou para um amigo e ficaram de se encontrar num restaurante chinês que freqüentavam habitualmente. Deixou que seu amigo escolhesse os pratos e ficou olhando em volta a decoração já conhecida. De repente, pensou avistar na parede à sua frente, o bico aberto, o frango. Era apenas a sombra das folhagens refletida pela luz da lanterna que iluminava o salão. A chinesinha vinha chegando com as travessas e anunciou solenemente: frango xadrez, aromatizado!